

CIÊNCIA NO MUSEU

Joaquim Caetano e Celso Mangucci



A história do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo (Museu de Évora) remonta a 1804, quando Frei Manuel do Cenáculo, Arcebispo de Évora, inaugurou a Biblioteca Pública, em que se reuniam também parte das suas coleções de Arte, Arqueologia e *Naturalia*.

Globo celeste da coleção de *Naturalia*.

Em 1834, a gestão da Biblioteca Pública passou para o Estado Português e em 1865, em duas novas salas, individualizou-se a apresentação da coleção de Arte e Arqueologia. Formalmente, o Museu de Évora só seria criado depois da implantação da República, por decreto de 1 de Março de 1915. Recebeu para a sua instalação algumas salas do Paço Episcopal, entretanto expropriado pelo governo, manifestamente insuficientes para a apresentação das coleções. Depois de se ter projetado a sua instalação no Convento dos Lóios, viria a ser instalado em 1921 no Palácio Amaral, comprado para o efeito. Em 1926, um violento terramoto degradou estas instalações, obrigando o regresso das coleções às salas do Paço Episcopal, edifício onde mais tarde, o Museu se instalaria definitivamente, em 1929.



A Coleção de *Naturalia*

O Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo possui uma importante coleção de Ciências Naturais, com exemplares de minerais, de fósseis marinhos, plantas e animais taxidermizados, que na sua maioria fizeram parte das coleções do arcebispo Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814).

Nessa coleção destacam-se o dente de narval, na Antiguidade associado ao unicórnio, mítico animal do Oriente; uma vértebra de baleia; um tatu; e duas cabeças de hipopótamos, estas últimas doadas nos princípios do século XX, por Francisco Barahona.

Entre os instrumentos científicos contam-se um globo terrestre e outro celeste, do século XVII; uma pequena bússola em forma de tartaruga, do século XVIII; um relógio de sol portátil e um microscópio do século XIX, este último doado pelo historiador Gabriel Pereira.

Os dois globos, um com a representação do terrestre e o outro com a representação do celeste, foram realizados no último quartel do século XVII, pela associação de dois conhecidos cartógrafos, impressores e comerciantes de mapas ingleses, Robert Morden e Phil Lea.

As marcas históricas mais importantes deste registo cartográfico seiscentista, são: o carácter miniatural, os belíssimos desenhos das naus, dos animais marinhos e das figuras mitológicas e a falta de informação completa sobre a Austrália e o Oeste da América.

Em finais do século XIX, segundo o testemunho do historiador Gabriel Pereira expunha-se na Biblioteca Pública de Évora, um raro chifre de "unicórnio" com mais de dois metros, peça que estava associada, numa mesma vitrina, a armas e insígnias, estoques pré-históricos e uma agulha de espadarte.

Segundo os tratados da Antiguidade clássica, o unicórnio era um raro animal semelhante a um cavalo pequeno, com um só chifre, nativo dos países do Oriente, referência que encontrou particular eco na literatura e artes plásticas nos finais da Idade Média e Renascimento.

Desde o século XVII, com o incremento do comércio da presa defensiva do narval - um mamífero da ordem dos cetáceos, cujos machos adultos têm o dente incisivo esquerdo retilíneo e contorcido em hélice, que o mito à volta do animal lendário se esbatia, apenas sustentado pelas referências eruditas dos tratados de medicina, onde era preconizado para um largo número de patologias e, principalmente, considerado um poderoso antídoto em caso de envenenamento.



Globo Terrestre.



Em cima, dente de narval; em baixo, pormenor de dente de narval.

Desfeito o mito, a "presa do unicórnio" mantinha, na época de Frei Manuel do Cenáculo, a aura e o prestígio de peça rara, presente nas antigas "câmaras de maravilhas" das principais casas aristocráticas da Europa.

O tatu, mamífero insetívoro da ordem Xenarthra, família Dasypodidae, um dos mais curiosos animais da fauna americana, chamou desde cedo a atenção dos primeiros cronistas das expedições ao Brasil. Segundo a curiosa descrição de Gabriel Soares de Sousa (c.1540-1591), "é um animal estranho, cujo corpo é como um báculo, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça que é toda cheia de conchinhas..." Como forma de defesa "tem o corpo coberto de conchas feitas em lâminas, que atravessam o corpo todo, de que tem armado uma formosa coberta; quando este animal teme de outro, mete-se todo debaixo destas armas, sem lhe ficar nada de fora, as quais são muito fortes..."

É essa forma de defesa que estabeleceu um fio condutor por várias peças da Coleção de *Naturalia*, em que se agrupam também presas de focas, javalis e elefantes.

A Coleção de Pintura

O Menino entre os Doutores, políptico da vida da Virgem, Óleo sobre madeira, Oficina Flamenga, ca. de 1500, do antigo retábulo da Capela-mor da Sé de Évora.

A cena mostra o confronto entre a sabedoria divina e o saber dos Doutores do Templo. Apesar destes serem originalmente teólogos das escrituras, a pintura mostra alguns deles com a roupa típica dos humanistas e universitários dos séculos XV, fazendo um confronto entre religião e ciência. A dominância da presença do livro e certas novidades, como a utilização de óculos, acentuam o caráter livresco do saber científico da época.



O Menino entre os Doutores, políptico da vida da Virgem.



Jerónimo.



Paisagem de Inverno com figuras.

Francisco Henriques, S. Tomé e os Santos Cosme e Damião. Óleo sobre madeira de carvalho, ca de 1508-12, proveniente do convento de S. Francisco de Évora.

O culto de S. Tomé, apóstolo das Índias e patrono dos arquitetos e construtores, incentivou-se muito no reinado de D. Manuel, que lhe dedicou a capela do Paço Real de Lisboa. Surge aqui associado a dois santos médicos, Cosme e Damião, caracterizados pelos elementos que marcam a análise pela observação para compreensão dos sintomas e das origens das doenças, base do pensamento científico.

Jerónimo, Óleo sobre Madeira, Escola Flamenga, meados do século XVI

São Jerónimo, tradutor e compilador da Bíblia Latina é representado como um humanista, rodeado de livros e de objetos comuns para a escrita permitindo ver o ambiente de um escritório de um sábio quinhentista. A legenda "Cogito Mori" (medita sobre a morte) e a presença da caveira acentuam o entendimento da meditação sobre o fim último da existência como o essencial do conhecimento humano.

Hendrick Avercamp, Paisagem de Inverno com figuras, óleo sobre madeira, início do século XVII

No final do século XVI e inícios do século XVII o Norte da Europa sofreu um período de temperaturas extraordinariamente baixas, a que os climatologistas chamam "pequena Idade do Gelo". A Gronelândia ficou desabitada e a Finlândia e a Islândia perderam parte significativa da sua população. Na Inglaterra, o Tamisa gelou em 1607 e na Holanda foi particularmente rigoroso o ano de 1608. Avercamp captou o divertimento das populações desocupadas nos lagos e rios gelados e transformou estas imagens num tema de particular sucesso da pintura do século XVII, o que lhe valeu fama e motivou outros pintores a seguirem o seu exemplo.

David Teniers II, Alquimista, óleo sobre madeira, século XVII

O interior da oficina de um alquimista foi um tema muitas vezes pintado por David Teniers, o Novo, e pintores do seu ateliê. Mostra-nos a manipulação de elementos, com a sujeição ao fogo, à decantação, etc., Ajudando-nos a visualizar os ambientes dos laboratórios da época em que a experimentação dava os primeiros passos.

Carlo Bonavia, Erupção do Vesúvio, óleo sobre tela, 1758

O Vesúvio é o mais conhecido dos vulcões europeus em atividade. Calcula-se que tenha entrado em erupção há cerca de 200 000 anos, mas foi em 79, quando soterrou as cidades romanas de Herculano e Pompeia, que despertou um interesse que nunca mais se perdeu. Nos séculos XVII e XVIII sucederam-se diversas erupções que tornaram o local um ponto de enorme interesse para viajantes de toda a Europa, sobretudo a partir de 1738, quando se iniciaram as escavações arqueológicas de Pompeia. Muitos destes viajantes, cujo esforço hercúleo para chegar próximo da erupção é parodiado nesta pintura, procuravam igualmente imagens do grande vulcão, o que deu origem a inúmeros quadros desta temática, que se espalharam pelas principais coleções de pintura em todos os países.

